

CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

FALANDO DE MATERNIDADE NO ESPAÇO ACADÊMICO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Rafaela Pontes Aragão¹; Luiza Silva de Lima²; Aline Gurgel Rêgo³; Natália Santos Marques⁴

RESUMO

Este estudo aborda a maternidade no ensino superior, uma temática historicamente pouco discutida, que influencia a permanência e o desempenho acadêmico de discentes mães. O objetivo foi relatar a experiência de um encontro com estudantes mães, voltado a dar visibilidade às suas demandas, promover diálogo, identificar necessidades comuns e formular propostas para fortalecer a permanência universitária em um ambiente mais inclusivo e equitativo. A intervenção consistiu em cinco encontros grupais de caráter participativo e reflexivo, sendo o público-alvo mães estudantes de uma instituição de ensino superior. Durante a atividade, emergiram relatos sobre os desafios para conciliar maternidade e vida acadêmica, além da compreensão de que a universidade deve ser também um espaço de debate e construção coletiva em torno da temática. Como resultados, destacaram-se a troca de experiências, a identificação de necessidades compartilhadas e a elaboração de uma carta com propostas de melhorias institucionais. A atividade lidou com diversos desafios, como o número reduzido e perfil homogêneo de participantes, sendo todas mulheres brancas e que não vivenciaram a gestação durante a graduação. Além do engajamento posterior para o encaminhamento da carta e a continuidade das ações não terem se concretizado, evidenciando os desafios para transformar a mobilização inicial em mudanças efetivas. Conclui-se que, apesar das limitações quanto ao perfil do grupo, ao número restrito de participantes e ao alcance da intervenção, a experiência lançou bases para futuros movimentos coletivos, sinalizando o potencial de iniciativas participativas para promover maior inclusão, equidade e acolhimento às estudantes mães no ambiente acadêmico.

Palavras-chave: Maternidade; Universidade; Permanência estudantil; Gênero.

1 INTRODUÇÃO

Segundo o INEP (2023), as mulheres representam a maioria tanto no ingresso quanto na conclusão do Ensino Superior, em instituições públicas e privadas. No entanto, os mesmos dados revelam que essa presença majoritária não se mantém nos níveis mais elevados de formação acadêmica, como mestrado e doutorado, nem em áreas de atuação, como a docência.

Essa discrepância reflete os desafios ainda enfrentados pelas mulheres no espaço acadêmico, que historicamente se constitui como um ambiente androcêntrico, marcado pela

¹ Universidade Federal do Ceará, e-mail: rafaa.p.aragao@gmail.com.

² Residência Multiprofissional em Saúde Mental - ESPVS, e-mail: luizasilvadelima30@gmail.com

³ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, e-mail: agurgelr@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Ceará, e-mail: nataliamarques@ufc.br



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

prevalência de valores e padrões masculinos. Como observam Carpes *et al.* (2022), essa estrutura torna a universidade menos acolhedora para as estudantes, especialmente para aquelas que vivenciam a maternidade.

No caso das mães universitárias, as barreiras se intensificam. Pereira, Santos e Silva (2022) apontam o preconceito de gênero e o processo de conciliação entre maternagem e vida acadêmica como os principais obstáculos vivenciados pelas estudantes mães. Já Silva *et al.* (2022) destacam que a ausência de ações afirmativas voltadas para esse público compromete sua permanência e desempenho acadêmico no ensino superior, sobretudo diante da sobrecarga de uma tripla jornada: atividades acadêmicas, responsabilidades domésticas, cuidado dos filhos e, em muitos casos, trabalho remunerado. Além disso, a rigidez dos currículos, que raramente oferecem prazos adaptados ou formatos alternativos de avaliação, limita a possibilidade de conciliar maternidade e vida acadêmica. Soma-se a isso a falta de sensibilidade de parte do corpo docente, que muitas vezes desconhece ou negligencia essas demandas específicas, reforçando a exclusão dessas alunas e gerando situações de constrangimento (Carvalho; Carvalho, 2024).

Diante desse cenário, diversos autores têm apontado a urgência de políticas institucionais voltadas para este público. Sousa e Júnior (2023) defendem a necessidade da construção de redes de apoio que favoreçam tanto a permanência acadêmica quanto a sustentabilidade financeira e o compartilhamento do cuidado. Costa *et al.* (2023) acrescentam a importância da disponibilização de creches, salas de amamentação e demais espaços de acolhimento como medidas estruturais indispensáveis.

Deve-se destacar também a formulação da Política Nacional de Cuidados (Lei nº 15.069/2024) que visa promover a corresponsabilidade social do cuidado entre o poder público, a sociedade civil e setor privado, tirando unicamente da família a responsabilidade de cuidar e a importância de cuidar de quem cuida, e a Política Nacional de Assistência Estudantil (Lei nº 14.914/2024), que dentre os seus programas trouxe o Programa de Permanência Parental como foco na criação de espaços dentro das Instituições Federais de Ensino, que permitam o acolhimento dos filhos e filhas dos/as estudantes ali matriculados/as.

Nesse sentido, a experiência aqui relatada buscou contribuir para a visibilização dessas



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

demandas e para a promoção de um espaço de diálogo e reflexão, possibilitando não apenas a escuta das estudantes mães, mas também a formulação coletiva de propostas que visem transformar o ambiente universitário em um espaço mais inclusivo e equitativo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para o desenvolvimento das atividades foi fundamental a percepção dos diferentes valores que envolvem o sentido social da maternidade, a depender da cultura local, da configuração temporal, sem esquecer dos elementos de raça, classe, orientação sexual, localização geográfica, tão importantes para caracterizar a forma de exercer a maternidade e os tipos de opressões vivenciadas pelas mães.

Badinter (1985) nos apresenta o amor materno enquanto construção social, modificado ao longo do tempo de acordo com a mudança de papel da maternidade. Segundo a autora, a maternidade europeia nos séculos XVII e XVIII era permeada pela indiferença, pelo desprezo e pelo abandono. Considerando-se que a figura central da família era o marido, os demais membros tinham caráter secundário, e a figura da esposa sobressai a da mãe. Alguns discursos colaboraram para a transformação desse papel, sendo citados o discurso econômico, a importância da manutenção da prole para o desenvolvimento econômico das nações; o iluminismo, enquanto pensamento filosófico, trazendo os ideais de igualdade e felicidade individual, transformando o conceito de casamento de apenas contratos econômicos e



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

formações de alianças para instituições que tem o amor e a felicidade como sentimentos a serem buscados e com isso há o surgimento da responsabilidade da mulher pelo bem estar da família.

Contemporaneamente, Andrea O'Reilly (2013, *apud* Mendonça, 2021) apresenta vários pressupostos requeridos pela sociedade capitalista e patriarcal para o reconhecimento da maternidade, colocando-a de dentro de um ideal bastante difícil de ser alcançado. Dentro da nossa sociedade contemporânea a maternidade é vista como essencial ao ser mulher (essencialização), a mulher para ser verdadeiramente reconhecida enquanto tal deve ser mãe; o exercício da maternidade deve ser exclusivo às esferas reprodutiva e domésticas (privatização), não sendo legítima quaisquer tentativas de levar as discussões sobre maternidade para os espaços públicos, de construção de políticas públicas ou de tomada de decisões coletivas; há a ênfase nos laços sanguíneos (biologização), não sendo plenamente legitimada a maternidade pela via da adoção, por exemplo. Outro critério de validação da maternidade na sociedade capitalista e patriarcal e se esta for exercida dentro de uma família nuclear, outros tipos de arranjos familiares são subalternizados.

3 METODOLOGIA

Este estudo trata-se de um relato de experiência, que apresenta as vivências e reflexões compartilhadas, bem como a dinâmica construída no grupo "Falando Sobre Saúde Mental Materna no Ensino Superior", realizado em um Instituto Federal da região norte do Ceará. A proposta foi fruto da articulação entre a Coordenadoria de Assistência Estudantil da instituição e o Programa de Educação Tutorial (PET) Psicologia, da Universidade Federal do Ceará.

O grupo teve como público-alvo mães estudantes da instituição, com o objetivo de promover o diálogo, a reflexão e o compartilhamento de vivências da maternidade, além de visibilizar as demandas deste público e incentivar a transformação de um espaço acadêmico mais inclusivo. A formação do grupo ocorreu através de inscrições por meio de um formulário online (*google forms*), em que constava informações pessoais e acadêmicas, como: nome completo, e-mail, número de matrícula, curso e semestre; e dados sobre a maternidade, como a quantidade e idade dos filhos, e a necessidade de levá-los para os encontros. Para viabilizar a



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

participação das estudantes, e tendo em vista os possíveis desafios das mães na permanência dos encontros devido às demandas dos filhos, foi disponibilizado um espaço de acolhimento para os filhos das participantes, acompanhado por pessoas responsáveis.

O grupo foi estruturado em cinco encontros semanais, com duração de 2 horas cada. Cada encontro seguiu uma abordagem metodológica participativa, incluindo: 1. Participação coletiva: Momento de debate e roda de conversa, favorecendo a troca de experiências entre as participantes sobre os desafios da maternidade no contexto acadêmico. 2. Oficinas colaborativas: Dinâmicas voltadas para a construção de propostas e soluções coletivas que atendam às demandas apresentadas pelas participantes. 3. Atividades práticas e reflexivas: Desenvolvimento de tarefas e reflexões individuais e em grupo, promovendo a consolidação das ideias discutidas e a sistematização de propostas concretas para melhorias no ambiente acadêmico. A certificação foi concedida às participantes que atingirem, no mínimo, 75% de frequência nos encontros realizados. O projeto respeitou os princípios éticos e o anonimato das participantes e a utilização dos dados exclusivamente para fins acadêmicos e de melhoria institucional.

A coleta de dados ocorreu por meio da observação dos participantes durante os encontros por via dos registros realizados pela equipe organizadora durante as atividades, ademais, os depoimentos espontâneos das participantes durante as rodas de conversa e oficinas foram cruciais. Por fim, as produções coletivas e materiais gerados ao longo do grupo, como o "Mapa dos Afetos e Redes de Apoio" e a "Carta Conjunta" também contribuíram para este processo de coleta de dados. Para sistematizar e fundamentar a proposta do projeto foi elaborada uma tabela com as temáticas e atividades realizadas semanalmente.



Tabela 1. Programação das atividades.

DIA	Módulo I: Apresentação e integração	Atividades
04/02	BLOCO 1: Atividade de acolhimento e integração entre as participantes; BLOCO 2: Discussão do ser mulher e mãe na contemporaneidade; BLOCO 3: Os desafios de ser mãe universitária.	<ul style="list-style-type: none">● Apresentação;● Atividade 1: “Discussão com o apoio de imagens”.● Atividade 2: “Linha do tempo coletiva”.
11/02	Módulo II: Direitos e Políticas de acesso, assistência e permanência para mulheres-mães no ensino superior	<ul style="list-style-type: none">● Atividade 3: “Mapa dos afetos das redes de apoio com foto.”● Atividade discursiva falando dos direitos das estudantes e da política de assistência do campus (com a participação da Assistente Social da instituição).
	BLOCO 4: Direitos das mulheres na Educação Superior; BLOCO 5: Políticas de acesso, assistência e permanência das mulheres mães disponíveis no campus.	
18/02	Módulo III: Caminhos para se construir um espaço acadêmico inclusivo para mães	<ul style="list-style-type: none">● Atividade 4: “Construindo um lugar para as mães estudantes no campus.”● Atividade expositiva online (participação do Coletivo de mães da UECE)
	BLOCO 6: Repensando a estrutura física e administrativa do campus acadêmico; BLOCO 7 : O que e como se faz um coletivo na universidade?.	
25/02	Módulo IV: Construção da Carta Conjunta	<ul style="list-style-type: none">● Relembrar as pautas discutidas ao longo dos encontros.● Atividade 05: Construção da Carta Conjunta.● Atividade 6: Fortalecendo vínculos● Feedback e lanche compartilhado.
	BLOCO 8: Levantamento das demandas apresentadas ao longo dos encontros; BLOCO 9: Oficina de construção da carta conjunta para reitoria; BLOCO 10: Encerramento e Avaliação do Curso.	

Fonte: Elaborado pelas autoras

CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O grupo contou com um número reduzido de mães-estudantes, em média três participantes por encontro. Essa baixa adesão pode ser explicada pelo choque de horários com as disciplinas curriculares e pela configuração da instituição, composta majoritariamente por estudantes que residem em cidades vizinhas e realizam migração pendular. Apesar disso, a experiência mostrou-se significativa, pois possibilitou a criação de um espaço de compartilhamento de vivências, acolhimento, reflexão e participação colaborativa. A partir das discussões, emergiram demandas antes não formuladas pelas próprias participantes, o que favoreceu a elaboração de propostas voltadas à construção de um espaço acadêmico mais equitativo.

As atividades realizadas abordaram diferentes dimensões da maternidade no contexto do ensino superior. Foram discutidos o processo de vivenciar a maternidade, as singularidades de cada trajetória, os desafios e estratégias para conciliar estudos e cuidados com os filhos. Também foram trabalhados temas como rede de apoio, divisão de papéis de gênero, inserção no mercado de trabalho e direitos das mães na graduação.

Como culminância, foi elaborada coletivamente uma Carta à Direção Geral do *campus*, reunindo as principais demandas levantadas pelas participantes. Esse documento representou não apenas um produto simbólico da experiência, mas também um instrumento de visibilidade política, capaz de mobilizar a instituição a refletir sobre medidas de inclusão e permanência das mães estudantes no ensino superior.

a. Ser mulher, mãe e acadêmica: desafios e potencialidades

As participantes ingressaram no Ensino Superior já sendo mães, ou seja, vivenciaram uma descontinuidade educacional decorrente da gestação, planejada ou não, após o término do ensino médio. Nesses casos, a construção identitária do “ser mãe” antecedeu a do “ser acadêmica”, conformando um percurso distinto do modelo linear valorizado na contemporaneidade, no qual é comum a postergação da maternidade em função de um projeto



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

de vida que privilegia estudar, trabalhar e, apenas posteriormente, constituir família (Urpia; Sampaio, 2011).

Essa ruptura e posterior retorno ao espaço educacional evidencia trajetórias não lineares, que pode ser vivenciada com sentimentos de angústia e não pertencimento do espaço acadêmico (Moura, 2024). Uma das participantes, por exemplo, relatou sentir-se “atrasada” e “deslocada” por ser mais velha que os colegas, descrevendo a experiência como um fator de diferenciação que impactava sua permanência. Por outro lado, as participantes também destacaram que a maternidade funcionou como um impulso para retornarem aos estudos, representando motivação para buscar melhores condições de vida e investir em um crescimento pessoal e profissional.

Além disso, foram relatados os desafios de conciliar a maternidade com as atividades acadêmicas, como lidar com uma dupla ou até tripla jornada, que envolve frequentar as aulas, realizar atividades acadêmicas e domésticas, cuidar dos filhos e, em alguns casos, desempenhar atividades ocupacionais. As participantes também relataram que seu processo de aprendizagem é frequentemente prejudicado, seja pela necessidade de priorizar o acompanhamento pedagógico dos filhos, seja pela falta de tempo para se dedicar aos estudos e às atividades extracurriculares, como visitas técnicas.

Nesse sentido, Urpia e Sampaio (2011) destacam que a conciliação entre a maternagem e as demandas acadêmicas configura o principal desafio para as mães universitárias, gerando sentimentos de insuficiência por não conseguirem corresponder plenamente a nenhuma das esferas. Além disso, o sentimento de culpa também se torna frequente, já que tal vivência é atravessada pelos discursos hegemônicos sobre o papel da mulher, que a coloca como a principal responsável pelos cuidados dos filhos, gerando sofrimento quando elas não conseguem atender as expectativas normativas (Moura, 2024; Veloso; Tachibana, 2022).

Consoante a isto, foram também destacados desafios relacionados à entrada no mercado de trabalho. As participantes relataram sentir-se prejudicadas por não conseguirem investir integralmente em suas carreiras, como realizarem cursos ou pós-graduações, diante de uma



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

rotina que não é compartilhada. Em suas vivências, o genitor raramente é cobrado a assumir as responsabilidades equivalentes às da mulher, o que acaba tornando-as sobrecarregadas.

Além disso, a inserção do mercado de trabalho desperta preocupação nas estudantes ao considerarem a falta de flexibilidade de empresas e serviços quando lidam com demandas da maternidade. Essas discussões suscitaram reflexões sobre a divisão dos papéis de gênero e sobre a necessidade de repensar os espaços de trabalho produtivo, que assim como o espaço acadêmico, ainda não estão adaptados para receber mulheres que vivenciam a maternidade.

Por outro lado, emergiu também a discussão sobre as potencialidades da maternidade no ambiente profissional. Uma das participantes destacou que a experiência de ser mãe desenvolve habilidades valiosas, como planejamento, organização, resiliência e empatia, que poderiam ser aplicadas no trabalho. No entanto, essas competências frequentemente permanecem invisibilizadas, pois a mãe continua socialmente associada ao papel de cuidadora. Diante disso, qualificaram a maternidade como uma experiência “revolucionária”, devido ao seu potencial para repensar estruturas, modificar contextos desiguais e formar uma comunidade de apoio mútuo.

b. Família e Instituições de ensino: redes de apoio para as estudantes–mães

Através da atividade “Mapa dos afetos”, as participantes descreveram quem são e como funciona a participação de outras pessoas no cuidado dos filhos, que permite que elas exerçam suas atividades acadêmicas e outras ocupações pessoais. Foi destacado a família como a principal rede de apoio. Amigos, a instituição de ensino frequentada pelos filhos, como escola ou creche, e a instituição de ensino superior, frequentada pela mãe, também foram citadas. Costa *et al.* (2023) destacam o apoio da família como imprescindível para a permanência e desempenho acadêmico das mães na universidade, assim como a existência de políticas de assistência, ofertadas pela instituição de ensino.

Foi possível observar a predominância de figuras femininas na constituição dessas redes, como a presença das mães, sogras, amigas e cunhadas - que também vivenciam a maternidade. Essa configuração evidencia a permanência de um padrão cultural no qual o



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

cuidado continua sendo atribuído prioritariamente às mulheres. Notou-se também que as participantes desempenhavam funções de cuidado para além da maternidade dos filhos, estendendo-se a outros membros da família ou da comunidade. Tal sobreposição de papéis reforça a identificação dessas mulheres com o lugar social de cuidadoras, historicamente associado ao feminino e revela ainda como essa condição atravessa sua experiência acadêmica, produzindo tanto sobrecarga quanto vínculos de solidariedade.

Ao falar sobre a instituição de ensino que frequentam, expressaram contentamento com as atitudes de professores, por serem flexíveis quanto aos prazos de entregas de trabalhos e avaliações, reconhecendo que a compreensão docente é essencial diante das demandas da maternidade, como já apontava Silva *et al.* (2024). Entretanto, demonstraram insatisfação com os auxílios da instituição voltada ao público, ao afirmarem ser muito burocrático e não abranger todos os alunos pais. Nenhuma das participantes era beneficiada pelo “Auxílio Discentes Mães e Pais”, ofertado pela instituição, que se refere a uma ajuda de custo mensal, no valor de R\$180,00 para discentes que possuem filhos de até 12 anos. Isto evidencia que políticas de suporte ainda não contemplam de forma efetiva todas as mães estudantes e que, embora haja iniciativas institucionais de assistência, estas não se traduzem em equidade de acesso para quem enfrenta sobrecarga de responsabilidades extra-acadêmicas.

c. Repensando e construindo um espaço acadêmico inclusivo para as mães

Com o desenvolvimento das atividades, surgiram reflexões críticas sobre o espaço acadêmico, evidenciando sua falta de inclusão para as mães universitárias. As participantes apontaram que a estrutura do campus, pensada para um público adulto, impossibilita que discentes e servidores levem seus filhos, pela ausência de locais seguros, além da inexistência de áreas adequadas para amamentação e troca de fraldas, mesmo com a presença de grávidas e lactantes. Essa realidade confirma que o espaço universitário não se adapta às necessidades das mães, reforçando padrões institucionais que invisibilizam a maternidade, assim como aponta Costa *et al.* (2023). Nesse contexto, destaca-se a relevância das atividades, pois impulsionaram questionamentos sobre normas e práticas até então naturalizadas.



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

A partir disso, foram discutidas medidas para repensar a estrutura física e administrativa do campus. As participantes elaboraram propostas de inclusão, com o objetivo de tornar o processo educativo mais acolhedor e equitativo, prevenindo evasão e fortalecendo a permanência de mães estudantes. Essa reflexão demonstra como o engajamento das próprias estudantes na construção de soluções institucionais é um instrumento de empoderamento e de transformação do espaço acadêmico (Silva; Salvador, 2021).

No grupo também foram abordados os direitos das estudantes mães no Brasil, a fim de informar sobre os avanços recentes no ensino superior, como a Política Nacional de Assistência Estudantil e a criação de grupos de trabalho pelo MEC para mapear demandas regionais de mães universitárias. A Política Nacional de Cuidado (2024) também foi apresentada. A apresentação desses instrumentos legais buscou empoderar as participantes, evidenciando que o conhecimento de seus direitos é fundamental para que possam reivindicar condições mais justas de ensino e aprendizagem para as discentes, além de enfrentar práticas institucionais que, muitas vezes, invisibilizam a maternidade no espaço acadêmico.

O grupo também refletiu sobre a criação de coletivos de mães na universidade, pois nenhuma conhecia iniciativas semelhantes em seu contexto. Para maior compreensão do papel dos coletivos, houve a articulação com o Coletivo de Mães da Universidade Estadual do Ceará, em encontro virtual, que contou com a participação de uma integrante. Ela compartilhou situações constrangedoras enfrentadas por mães, evidenciando práticas institucionais excludentes. Ao mesmo tempo, apresentou potencialidades do coletivo, ressaltando que a escrita científica fornece às participantes embasamento teórico para suas reivindicações e fortalece a luta diária por inclusão.

Como desdobramento das reflexões e discussões ao longo do grupo, as participantes construíram coletivamente uma Carta de Reivindicações a ser encaminhada inicialmente ao diretor do campus e, posteriormente, ao reitor da instituição. Esse processo envolveu a sistematização das demandas levantadas nas atividades e rodas de conversa, demonstrando a capacidade de transformação do espaço acadêmico por meio da participação ativa das estudantes-mães.



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Entre os principais tópicos incluídos na carta, destacam-se: a necessidade de mapeamento institucional específico de estudantes mães, a criação de espaços adequados para acolhimento infantil, instalação de fraldários e locais para amamentação, institucionalização de políticas de flexibilização acadêmica, ampliação de bolsas e auxílios direcionados a mães universitárias, e a oferta prioritária de atendimento psicológico e ampliação da equipe psicossocial.

Esse exercício coletivo não apenas apresentou as demandas concretas dessas mulheres, mas também funcionou como uma estratégia de empoderamento, permitindo que transformassem suas experiências individuais em proposições institucionais. Ao articular práticas de cuidado, direitos e inclusão, a carta reflete a potência da ação coletiva para tornar o espaço acadêmico mais inclusivo, equitativo e sensível às necessidades da maternidade. No entanto, a carta não foi enviada às competências sugeridas, diante da pouca mobilização das participantes, evidenciando os desafios para transformar a mobilização inicial em mudanças efetivas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a experiência relatada permitiu evidenciar a relevância do debate acerca da maternidade no contexto universitário, mesmo que tenha apresentado limitações que precisam ser reconhecidas. O reduzido número de participantes nas atividades, todas as mulheres serem brancas e que não vivenciaram a gestação durante o período da graduação, restringiu a diversidade de experiências e de perspectivas possíveis no processo reflexivo. Ademais, a descontinuidade das ações no grupo e o baixo engajamento para o encaminhamento da carta elaborada pelo grupo indicam a necessidade de estratégias mais consistentes de mobilização e sustentação das iniciativas.

Apesar dessas limitações, a atividade também apresentou aspectos positivos relevantes. Observou-se a compreensão, por parte das participantes, de que a universidade também deve configurar-se como um espaço legítimo para o diálogo sobre a maternidade, o que favoreceu a identificação de demandas comuns, a troca de experiências e a elaboração de estratégias



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

coletivas. Ainda que se trate de uma ação pontual, entende-se que foi plantada uma semente para o desenvolvimento de futuras iniciativas, potencializando a visibilidade das necessidades das discentes mães e fortalecendo a permanência dessas estudantes, contribuindo, assim, para um ambiente acadêmico mais inclusivo e equitativo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Bruna de Oliveira Dias; SILVA, Evelyn Chieli Vasconcelos; GOMES, Izaú Veras. Desigualdade de gênero na escola: relatos de professoras e alunas. In: ENCONTRO NACIONAL DE LICENCIATURAS, 9., 2023. *Anais [...]*. Realize Editora, 2023. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/edicao/detalhes/anais-do-ix-enalic>. Acesso em: 8 ago. 2025.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BUTLER, Judith. *Desfazendo gênero*. Tradução coordenada por Carla Rodrigues. São Paulo: Editora UNESP, 2022.

COTTA, Mayra; FARAGE, Thais. *Mulher, roupa, trabalho: como se veste a desigualdade de gênero*. São Paulo: Paralela, 2021.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2024.

SILVEIRA, Rafaela Imaculada da; RICHARTZ, Terezinha. Desafios da igualdade de gênero no espaço escolar: o papel dos professores na construção de uma educação para a equidade. In: SIMPÓSIO MINEIRO DE GESTÃO, EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO (SIMGETI), 2021. *Anais [...]*. 2021. ISSN: 2447-7303. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/simgeti2021/433733-desafios-da-igualdade-de-genero-no-espaco-escolar--o-papel-dos-professores-na-construcao-de-uma-educacao-para-a-e>. Acesso em: 12 ago. 2025.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *Censo da Educação Superior 2023: notas estatísticas*. Brasília, DF: INEP, 2024.

BRASIL. Lei nº 14.914, de 14 de junho de 2024. Institui a Política Nacional de Assistência Estudantil. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2024/Lei/L14914.htm. Acesso em: 27 ago. 2025.



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

BRASIL. Lei nº 15.069, de 18 de julho de 2024. Institui a Política Nacional de Cuidados. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2024/Lei/L15069.htm. Acesso em: 27 ago. 2025.

CARPES, Pâmela Billig Mello; STANISCUASKI, Fernanda; OLIVEIRA, Letícia; SOLETTI, Rossana C. Parentalidade e carreira científica: o impacto não é o mesmo para todos. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 31, e2022354, 2022.

COSTA, Jennefer Luana Santos; WALL, Marilene Loewen; PAIXÃO, Tatiane Taiz; SILVA, Marcus Vinicius da Rocha Santos. Desafios da maternidade no período acadêmico: revisão integrativa. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, v. 11, n. 1, 2023.

MENDONÇA, Maria Cristina de. Maternidade e maternagem: os assuntos pendentes do feminismo. *Revista Ártemis*, v. 31, n. 1, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2021v31n1.54296>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/54296>. Acesso em: 23 ago. 2025.

MOURA, Irineuda Oliveira Elias dos Santos. *Trajetórias universitárias e maternidade: a condição da mulher mãe no ensino superior*. 2025. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

PEREIRA, Antonio Lucas Lira; SANTOS, Bruna Garcia dos; SILVA, Luana Renata da. Mães universitárias: a luta pela conciliação da maternidade com a universidade. *South American Development Society Journal*, v. 8, n. 23, p. 152–162, 2022.



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

SILVA, Elenir Lindaura da; BENITEZ, Priscila; MIZAEL, Táhcita Medrado; PASIAN, Mara Silvia. Retrato das narrativas de mães universitárias no contexto acadêmico. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 275–283, 2023. DOI: 10.17921/2447-8733.2023v24n2p275-283. Disponível em: <https://revistaensinoeducacao.pgsscogna.com.br/ensino/article/view/9689>. Acesso em: 24 ago. 2025.

SILVA, Juliana Marcia Santos; SALVADOR, Andréia Clapp. Coletivos de mães universitárias rompendo com a história da exclusão feminina nas universidades. **Simpósio Nacional de História**, v. 31, 2021.

SOUSA, Taiane Cristine Meireles; JUNIOR, Clodomir Cordeiro de Matos. Mães universitárias: experiências e desafios da maternidade e da vida acadêmica em São Bernardo do Maranhão. **Infinitum Revista Multidisciplinar**, v. 10, n. 6, p. 84-108, 2023.

TACHIBANA, Miriam; VELOSO, Laura. Carregando o mundo nas costas: a experiência emocional de mães universitárias. **Psicologia em Revista**, v. 28, p. 62-82, 2022.

URPIA, Amo.; SAMPAIO, Sônia Maria Rocha. Mães e universitárias: transitando para a vida adulta. In: SAMPAIO, Sônia Maria Rocha (org.). **Observatório da vida estudantil: primeiros estudos** [online]. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 145-168. ISBN 978-85-232-1211- 7.

